



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input checked="" type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Intervenções temporárias como forma de protesto e resistência no Rio de Janeiro contemporâneo

Temporary interventions as a way of protest and resistance in contemporary Rio de Janeiro

Intervenciones temporales como una forma de protesta y resistencia en el Rio de Janeiro contemporáneo

SANSÃO FONTES, Adriana (1)

(1) Professora Doutora, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Urbanismo, PROURB, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; e-mail: adrianasansao@gmail.com



Intervenções temporárias como forma de protesto e resistência no Rio de Janeiro contemporâneo

Temporary interventions as a way of protest and resistance in contemporary Rio de Janeiro

Intervenciones temporales como una forma de protesta y resistencia en el Rio de Janeiro contemporáneo

RESUMO

Este artigo trata das intervenções temporárias contemporâneas como forma de protesto e resistência nos espaços públicos do Rio de Janeiro. Essas ações contestatórias contêm o desejo de transformação do espaço e de contaminação positiva, protestando pelo melhor uso do espaço e/ou pelo reconhecimento cultural de determinada atividade na cidade. A motivação para o estudo vem da percepção de que o Rio de Janeiro, como nunca antes, vem se “libertando”. Artistas, arquitetos, designers, associações civis, resistindo às ações padronizadoras de comportamento, engajam-se, gradativamente, em ações de reconquista das ruas, em tempos onde estas nem sempre resultam estritamente “públicas”. Essas ações eventuais de movimentação, poetização e reconquista vêm intensificando-se nos últimos anos, muitas vezes motivadas pelas redes sociais, movidas por uma causa comum: USAR a cidade, através de intervenções temporárias que estabeleçam uma ruptura positiva no cotidiano. O enfoque se dará sobre pequenos casos recentes, de considerável dose subversiva, que narram resistência política, social ou cultural, em distintas abordagens. São eles a prática nômade do *skateboarding* na Praça XV, o evento “Opavivará ao vivo”, o Park(ing) Day Rio de Janeiro, e os eventos “Aqui bate um coração” e “Cabeção”.

PALAVRAS-CHAVE: intervenção temporária, espaço público, protesto, Rio de Janeiro

ABSTRACT

This article deals with temporary interventions as a contemporary way of protest and resistance in Rio de Janeiro's public spaces. These questioning attitudes contain the desire of transforming places, as of a positive contamination, claiming the best use of spaces and the recognition of certain urban activities. The motivation comes from the feeling that Rio de Janeiro, as never before, has been "liberating". Artists, architects, designers, civil associations, resisting to the standardizing behavior, gradually engage themselves into actions of reconquering the streets, in times where they do not always result strictly "public". These casual, active and poetic attitudes of reconquest have intensified in recent years, often through social networks, driven by a common cause: USE the city, through temporary interventions that establish a positive break in the routine. The focus will be on some small recent cases, subversive in many ways, which narrate the social or cultural resistance in distinct approaches. Are they the nomadic practice of skateboarding at Praça XV; the "Opavivará live" event; the Park(ing) Day Rio de Janeiro; and the events "Here beats a heart" and "Pothead".

KEY-WORDS: temporary intervention, public space, protest, Rio de Janeiro

RESUMEN

Este artículo se ocupa de las intervenciones temporales contemporáneas como formas de protesta y resistencia en los espacios públicos de Rio de Janeiro. Esas "actitudes" contienen el deseo de transformar el espacio, y de contaminación positiva, protestando por el mejor uso del espacio y por el reconocimiento cultural de cierta actividad en la ciudad. La motivación para el estudio proviene de la constatación de que Rio de Janeiro, como nunca antes, se "liberta". Artistas, arquitectos, diseñadores, asociaciones civiles, resistiendo a acciones de normalización del comportamiento, se comprometen gradualmente en acciones de reconquista de las calles, en tiempos en que estas no siempre se traducen estrictamente "públicas". Estas acciones eventuales de activación, poetización y reconquista se han intensificado en los últimos



años, a menudo a través de las redes sociales, conducidas por una causa común: USAR la ciudad, a través de intervenciones temporales que establezcan una ruptura positiva en la rutina. La atención se centrará en pequeños casos recientes de considerable dosis subversiva, que narran resistencia política, social o cultural en distintos enfoques. Ellos son la práctica nómada de skate en la Praça XV, el evento "Opavivará ao vivo", el Park(ing) Day Rio de Janeiro; y los eventos "Aqui bate um coração" y "Cabeção".

PALABRAS-CLAVE: *intervención temporal, espacio público, protesta, Rio de Janeiro*

1 INTRODUÇÃO

Nossa primeira ideia: é preciso mudar o mundo. Queremos a mais libertadora mudança da sociedade e da vida em que estamos aprisionados. Sabemos que essa mudança é possível por meio de ações adequadas. (JACQUES, 2003)

Esse clamor revolucionário introduz o texto apresentado pelo autor na conferência de fundação da Internacional Situacionista, em 1957 na Itália. O grupo de artistas, pensadores e ativistas que integravam o movimento se propunha, através de manifestos e atuações na cidade, a estimular novos modos de fruição dos espaços urbanos, como forma de combater a alienação e a passividade da sociedade da época. Essa citação de abertura define o espírito desse artigo: a ideia de resgate do valor humano de se viver na cidade através da ativação intencional da vida urbana. No entanto, ao invés das técnicas situacionistas para lidar com essa condição de passividade, pretendo apresentar as intervenções temporárias como forma de protesto e resistência na cidade contemporânea.

As intervenções que serão discutidas aqui correspondem às ações contestatórias no espaço urbano contemporâneo, especificamente no Rio de Janeiro, intencionalmente temporárias na medida em que surgem de uma atitude diferenciada frente à cidade e suas idiossincrasias. Trata-se de "atitudes" que contém o desejo de transformação do espaço, advindo de uma forma contemporânea de pensar e agir.

A motivação vem da percepção de que o Rio de Janeiro, muito mais do que antes, anda se "libertando". Artistas, arquitetos, designers, associações civis, população em geral, resistindo às ações padronizadoras de comportamento, engajam-se, gradativamente, em ações de reconquista do espaço público, em tempos onde este nem sempre resulta estritamente "público". Essas ações eventuais de movimentação, poetização e reconquista da rua e da praça vêm intensificando-se nos últimos anos, resultado da ação de grupos organizados, muitas vezes através das redes sociais, movidos por uma causa comum: USAR a cidade, através de intervenções temporárias que estabeleçam uma ruptura positiva no cotidiano.

Alguns exemplos recentes já são bastante conhecidos, e, de certa forma, se misturam à informalidade cotidiana da cidade, como as apropriações espontâneas de roda de samba e feiras de troca (Praça São Salvador); ou as intervenções de arte pública como as "Interferências Urbanas" (Santa Teresa, Glória e Catete); e festas locais, como as realizadas sob o viaduto de Madureira, entre muitas e muitas outras.

Trataremos nesse artigo de algumas intervenções recentes nos espaços públicos do Rio de Janeiro: a prática de *skateboarding* de rua na Praça XV; o "Opavivará ao vivo", misto de intervenção de arte com apropriação espontânea do espaço público; o Park(ing) Day Rio de Janeiro, misto de intervenção arquitetônica com festa ao ar livre; e os eventos "Aqui bate um coração" e "Cabeção", ambas intervenções de arte pública em estátuas e monumentos.

2 AS INTERVENÇÕES TEMPORÁRIAS E A CIDADE CONTEMPORÂNEA

CORPOREIDADE NA CIDADE

Figura 1: Skateboarding na Praça XV



Fonte: Autora, 2009.

A Praça XV, no centro do Rio de Janeiro, vem se tornando, nos últimos anos, uma referência nacional do *skateboarding* de rua. Como espaço público de qualidades cívicas, inserido em uma área de grande complexidade, sua apropriação temporal por muitos anos motivou reações contrárias por parte do poder público. Considerando que a feição atual da praça é de um lugar de fluxos que não convida a permanências durante o dia, e de um território que espera por apropriação à noite, a intervenção encontrou neste lugar um território perfeito para sua consolidação. (Fig. 01)

Esta prática nômade, surgida como extravasamento do skate em espaços institucionalizados, representa uma forma emergente do ser humano usar a cidade, marcada pelo dinamismo, flexibilidade e capacidade de formar identidade, unindo corpos, arquiteturas e cidade em uma mesma experiência: a construção de novas corporeidades urbanas.

A cidade não só deixa de ser cenário, mas, mais do que isso, ganha corpo a partir do momento em que é praticada, se torna “outro” corpo. Dessa relação entre o corpo do cidadão e esse “outro corpo urbano” pode surgir outra forma de apreensão urbana e, conseqüentemente, de reflexão e de intervenção na cidade contemporânea. (JACQUES, 2008)

Após anos de proibição a prática foi legalizada, em parte devido a algumas manifestações anuais nas quais centenas de skatistas, em “skateatas” desde o Aterro do Flamengo até a Praça XV, reivindicaram pacificamente seu lugar no espaço público. Hoje a apropriação respeita horários definidos, e transcorre relativamente sem conflitos.

ESPAÇO PÚBLICO COMO ESPAÇO DOMÉSTICO

Figura 2: Opavivará na Praça Tiradentes



Fonte: Autora, 2012.

O “Opavivará ao vivo” foi uma intervenção temporária realizada pelo coletivo de arte Opavivará, que se apropriou por um mês da Praça Tiradentes, marco histórico do centro do Rio de Janeiro. Com a intenção de subverter o “estar junto” cotidiano, a ideia do coletivo foi ocupar o espaço público e agregar as pessoas através de uma prática doméstica, colocando em contato o domínio público da praça com a intimidade da cozinha. A intervenção formalizou os espaços coletivos através de usos como mesa coletiva, fonte d’água, lavanderia e sala de estar, todos eles dispositivos relacionais de acesso livre para o público, durante as quartas e sábados do mês de maio de 2012. (Fig. 2)

A intervenção não ditava regras de conduta. Era só chegar e participar, cozinhando, ajudando, comendo ou simplesmente socializando. Uma das estratégias do coletivo para a inserção da intervenção se fundamenta no conceito da camuflagem, ou mimetização, ideia em que a intervenção se funde à prática cotidiana, não ficando tanto em evidência, no entanto, causando um estranhamento dentro do contexto. A proposta se materializa, portanto, em uma dialética “expor” - “mimetizar”.

Outro conceito trabalhado pelo coletivo nessa ação temporária é a dissolução dos domínios público e privado, quando atividades privadas são praticadas no espaço público, aliando o “estar coletivo” com a intimidade do espaço privado. Nesse movimento de simbiose, a casa desliza até a praça através de elementos móveis de design próprio. Toda a conformação espacial parte da cozinha, dispositivo relacional principal e local de encontro da casa tradicional. É ela o elemento agregador, que possibilita transportar os elementos do cotidiano para além dele, no espaço tempo da intervenção.

CIDADE PARA PESSOAS

Figura 3: Park(ing) Day 2011 Praça Tiradentes



Fonte: Stefano Aguiar e Wagner Pinheiro, 2011.

A intervenção Park(ing) Day Rio de Janeiro, organizada por um grupo de arquitetos cariocas,¹ tomou lugar na mesma praça, em setembro de 2011. A intervenção faz parte de um programa mundial que propõe a ocupação de uma vaga de estacionamento para convertê-la, por algumas horas, em área de lazer. A proposta surgiu da necessidade de se pensar sobre a maneira como as ruas são usadas, e sobre a quantidade de área destinada a estacionamentos, que poderiam ser mais bem aproveitadas pela população. A versão do Rio de Janeiro ofereceu aos transeuntes e usuários da Praça Tiradentes um debate sobre mobilidade, seguida de uma festa ao ar livre. (Fig. 3)

São 12,5 m² que poderiam atender, por exemplo, a 24 pessoas sentadas assistindo a um evento, a 36 pessoas de pé conversando confortavelmente, a 12 crianças brincando sentadas, a 12 bicicletas estacionadas, a 1 horta urbana produzindo 720 tomates, a 1 mesa de ping pong ou a 1 piscina Tony para a molecada da rua. No entanto, em grande parte das ruas, esse espaço serve somente a 1 carro que atende, normalmente, a 1 pessoa. Uma enorme distorção.

Além de uma reflexão sobre essa relação estacionamentos X espaços públicos, o que se propunha era uma intervenção temporária para ativar o espaço urbano, imaginar novas

¹ Autores da intervenção: Adriana Sansão, Ana Louback, Marina Kosovski, Pedro Évora, Pedro Rivera, Raul Bueno e Tatiane Carrer.

paisagens e presentear a cidade com algo que rompe com a linha contínua do cotidiano. Uma pequena estrutura de bambu deu forma ao espaço da vaga, criando um suporte neutro e polivalente para todas as apropriações que tomaram parte no lugar.

MEMÓRIA COLETIVA

Figura 4: Aqui bate um coração



Fonte: Coletivo Choque de Amor, 2012.

A intervenção “Aqui bate um coração”, realizada pelo coletivo de arte “Choque de amor” em uma madrugada de maio de 2012, consistiu em uma ação “subversiva” de colar corações nas estátuas da cidade, com o intuito de chamar atenção para as personalidades que pontuam os espaços públicos, e de sensibilizar a população para uma cidade mais amável. (Fig. 4)

Os participantes dividiram-se em grupos e traçaram roteiros diferentes, buscando monumentos com visibilidade, predominantemente estátuas figurativas, para procederem à colagem dos corações. Foi uma ação de rápida duração realizada de madrugada, momento em que as praças estavam vazias. No entanto, enquanto intervenção temporária durou até a manhã seguinte, quando os espaços públicos da cidade amanheceram diferentes e despertaram a atenção e a observação mais detalhada da população.

É uma intervenção que fala da memória, sobrepondo a esta outra camada temporal. A própria estátua existe para celebrar a memória de alguém. No momento da intervenção, sobrepõe-se uma segunda celebração, artística, que também passará a fazer parte da memória coletiva do lugar.

CIDADE COMO JOGO

Figura 5: Cabeção na Praça Luís de Camões



Fonte: Aline Couri, 2012.

E é justamente para problematizar essa memória imposta através dos monumentos que surge a intervenção “Cabeção”, realizada por Aline Couri. Ela parte da seguinte pergunta: quem constrói a cidade?, fundamentando-se na filosofia Situacionista de que a cidade deveria ser construída pelos usuários. Nesse sentido, propõe-se a refletir sobre a tal escultura “Cabeção”, instalada na Praça Luís de Camões, polêmica na cidade, mas que já se consolidou como referência na paisagem. Afinal, quem deveria escolher as esculturas que são instaladas na cidade? (Fig. 5)

A intervenção, na forma de uma videoinstalação, permitiu que o usuário criasse a obra, ocupando a escultura como tela para a projeção das caras dos usuários da praça e participantes do evento. Funcionou como um jogo, ou brincadeira, que convidou os usuários a refletirem sobre o espaço público, seus usos e símbolos. A obra se manteve em movimento, transformando-se no ritmo da participação das pessoas, na duração de cinco horas.

3 AS INTERVENÇÕES TEMPORÁRIAS COMO AÇÃO E SUBVERSÃO URBANA

Entre todas as ações apresentadas anteriormente há dois aspectos comuns que gostaria de enfatizar: as dimensões ativa e subversiva das intervenções temporárias, que sustentam o aspecto do protesto e da resistência defendidos neste artigo.

Para tratar dessas duas dimensões, recorro à Post-it City [cidade ocasional], termo cunhado por LA VARRA (2008), e que equivale à rede fragmentada e temporária de estruturas funcionais que ocupa os interstícios do tecido urbano e promove a escrita temporária de seus espaços públicos. Corresponde a um dispositivo de funcionamento da cidade contemporânea ligado às dinâmicas da vida coletiva fora dos canais convencionais.

Como um texto cheio de “post-it”, a cidade contemporânea está ocupada temporariamente por comportamentos que não deixam rastro – como tampouco o deixam os “post-it” nos livros – que aparecem e desaparecem de modo recorrente, que têm suas formas de comunicação e de atração, mas que cada vez são mais difíceis de ignorar. (LA VARRA, 2008:180)

Estes modos temporais de ocupação do espaço público para distintas atividades revelam habilidades subjetivas na tarefa de reconquistar o espaço público frente à pressão institucional à qual está submetido, tornando-se o post-it um sensor da qualidade urbana latente, de um

espaço aberto a dinâmicas diferentes e não invasivas.

Enquanto estratégia de resistência, a cidade ocasional traz à tona a dimensão subversiva da intervenção temporária, na medida em que desafia as regras vigentes, fazendo com que questionemos aonde estas nos pretendem conduzir. E enquanto tática de conquista do espaço, revela sua dimensão ativa, seu impulso lúdico, sua capacidade de descobrir potencialidades, de recuperar lugares ou mesmo de “poetizar” no espaço urbano.

Em uma atmosfera caracterizada pela indiferença e pela rotina, a ação temporária funciona como um elemento revitalizador, sendo encarada como tema de interesse nas intervenções urbanas (GAUSA, 2001), caracterizada pela vontade de interagir, ativar, produzir, expressar, mover e relacionar, agitando os espaços e as inércias, através de “acontecimentos” ou “eventos”.

O *skateboarding* na Praça XV traz à tona essa dimensão subversiva da intervenção na medida em que desafia as regras de uso do espaço (vale lembrar que a permissão da prática é muito recente, e por muito tempo o skate corria na “ilegalidade”). A dimensão ativa se revela na nova corporeidade proposta, na qual a relação corpo-arquitetura coloca o espaço em movimento. Já diria CIRUGEDA (2003) que essas ações propõem transformações nas estruturas homologatórias e controladoras:

O simples fato de levar adiante essas propostas evidencia que o desenvolvimento dessas atividades descreve impulsos libertadores que produzem uma emancipação temporal das estruturas ordenadoras e limitadoras da vida urbana. (CIRUGEDA, 2003)

O “Opavivará ao vivo”, por sua vez, encontra a dimensão subversiva quando transforma o uso cotidiano do espaço, colocando em contato o público e o doméstico em uma praça de natureza cívica, por muitas vezes à revelia do poder público. A dimensão ativa surge na movimentação que acarreta no lugar, interferindo no cotidiano dos transeuntes e impulsionando reações diversas na população.

Já a intervenção Park(ing) Day encontra sua dimensão subversiva através da transformação radical de uso da vaga, causando estranhamento nos usuários e transeuntes; com isso, a vaga se transforma em uma superfície ativa, que movimenta e amplia o domínio público, servindo a um bem maior.

Finalmente, a intervenção “Aqui bate um coração” subverte a estática dos monumentos e interfere no patrimônio público, ação inclusive que rendeu dores de cabeça aos participantes no conflito com a guarda municipal carioca. Relacionado a essa face, a intervenção dinamiza o monumento, impactando na forma com que a população o percebe, expondo sua dimensão ativa. A intervenção “Cabeção” se move com o mesmo espírito subversivo, borrando por alguns minutos a feição original da estátua e colocando-a em movimento no espaço (dimensão ativa).

4 AS INTERVENÇÕES TEMPORÁRIAS COMO FORMA DE PROTESTO E RESISTÊNCIA

O que faz um espaço público não é a sua predeterminada “publicidade”. Mas sim quando, para cumprir uma necessidade emergente, um ou outro grupo se apropria de um espaço, e através de sua ação o transforma em um espaço público. (AESCHBACHER e RIOS, 2008:85)

Protesto, segundo acepção de HOUAISS (2009), significa “brado de repulsa ou de não concordância com relação a algo”. Protestar implica não se colocar passivamente frente a uma dada situação, resistir e participar ativamente em sua transformação. A dimensão participativa

e a resistência se apresentam como aspectos fundamentais nas intervenções temporárias aqui discutidas.

A participação equivaleria a um contraponto à ideia da “espetacularização”, e, estando na base dessas referências, recorro a DEBORD (1967) e aos estudos Situacionistas. DEBORD já afirmara que o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade e a sua principal produção. Em sua leitura da sociedade pós-moderna, profere que a alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente, e que a cultura transformada em mercadoria deve se tornar o produto vedete da sociedade espetacular. Com isto, a ideia da ativação equivaleria à experiência participativa do cidadão frente à cidade [participação X contemplação], constituindo-se em uma forma de resistência à cultura do espetáculo.

Diante desse argumento, a prática do *skateboarding* na Praça XV, vivenciada pelos participantes na sua forma mais carnal e sensitiva, apresenta-se como meio de resistência à normatização dos padrões de comportamento vigentes na cidade. Enquanto obra criativa e ativa dos seus usuários, atitude subversiva e totalmente espontânea, protesta em favor de novos “modos de usar” a cidade, diferentes das formas para as quais ela foi pensada.

O “Opavivará ao vivo” encontra-se com a dimensão participativa quando pressupõe a ação de muitos indivíduos para colocar em funcionamento a cozinha coletiva, que só existe se houver participantes que tragam o alimento, cortem, cozinhem, se relacionem e “protestem” ao redor da mesa, rompendo com a apatia dos “estranhos” no espaço público.

No caso do Park(ing) Day, o uso festivo realizado “de baixo para cima”, que se apropria de uma vaga de carros para um evento social, é algo inusitado que rompe com a leitura cotidiana do lugar. A intervenção de arte/festa já pode ser entendida como uma ação participativa em sua essência, e atrelada ao protesto em favor de mais áreas de lazer e menos estacionamentos, ganha ainda mais potência.

Finalmente, as intervenções “Aqui bate um coração” e “Cabeção”, enquanto intervenções de arte pública, funcionam como elementos surpresa no espaço público. No caso do Cabeção, o participante chega a ser a própria obra. Ambas as intervenções são capitaneadas por grupos ou indivíduos com intensões artísticas, desvinculados de qualquer ação pública “de cima para baixo”, contando, inclusive, com a colaboração de desconhecidos. A intervenção “Cabeção”, em particular, protesta com sutileza contra a forma como as personalidades são homenageadas na cidade, e a população, por alguns minutos, passa a ser criadora e protagonista das estátuas.

Reivindicar o espaço público requer o simultâneo envolvimento criativo de cidadãos, grupos e redes, a constante crítica e o olhar no futuro. As intervenções apresentadas são exemplos de como essas atitudes podem ser cada dia mais frequentes e potentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este percurso através das intervenções temporárias como forma de protesto e resistência pretendeu refletir sobre a atual condição de alienação e passividade no espaço público, e apontar algumas ações recentes de libertação e transformação.

Seja através de uma nova corporeidade na cidade, da aproximação e intimidade entre os cidadãos nas praças, de mais espaços para pedestres e menos carros nas ruas, ou do fortalecimento da memória coletiva através de novos símbolos, o verdadeiro pleito, ou o cerne do protesto, está na (re) conquista do espaço público para o cidadão comum.



BORJA E MUXÍ (2001) apontam o espaço público como uma conquista democrática que implica iniciativa, conflito e risco, além de legitimidade, força acumulada, alianças e negociação. De maneira genérica, essa conquista refere-se aos espaços residuais ou “perdidos” reconvertidos em espaços coletivos, reconquistados de diferentes situações de perda, como as de abandono, repressão, violência, transformações urbanas e privatização, entre tantas outras. Especificamente, no caso deste artigo, refere-se à constante luta pela retomada dos espaços públicos cariocas degradados por situações de violência, rodoviarismo ou privatização.

O Rio de Janeiro, com ruas de abundante informalidade, já poderia ser considerado quase uma cidade “eventual”, pontuada de fortes rupturas na linha do cotidiano. As intervenções temporárias, nesse sentido, desafiam esse cenário - também de exceções - através da “ruptura da ruptura”, buscando oportunidades no cotidiano para se propor o “absurdo”. Assim, se faz necessário patinar a arquitetura, inventar a cozinha na praça, o debate e a festa na vaga, o coração batendo nas estátuas e a projeção da cara do pedestre no cabeção. Todas elas são um suave protesto em busca de transformação, criatividade e inovação.

REFERÊNCIAS

- AESCHBACHER, Peter e RIOS, Michael. “Claiming Public Space: The case for proactive, Democratic Design”. In: *Expanding Architecture: Design as Activism*. New York: Bellerophon Publications, 2008.
- BORJA, Jordi e MUXI, Zaida. *L’espai públic: ciutat i ciutadania*. Barcelona: Diputació de Barcelona, 2001.
- CIRUGEDA, Santiago. In: *Recetas Urbanas*. Disponível em <http://www.recetasurbanas.net/v3/index.php/es/>
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2002. (Ed. original 1967)
- Dicionário HOUAISS, junho de 2009.
- GAUSA, Manuel et alli. *Diccionario metápolis de arquitectura avanzada. Ciudad y tecnología en la sociedad de la información*. Barcelona: Actar, 2001.
- JACQUES, Paola Berenstein (org.). *Apologia da deriva: Escritos Situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- JACQUES, Paola Berenstein. “Corpografias urbanas”. In: *Vitruvius. ArquiteXtos* ano 8, 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteXtos/08.093/165>.
- LA VARRA , Giovanni. “Post-it City. El último espacio público de la ciudad contemporánea”. In: *Post-it City. Ciudades Ocasiones*. Barcelona: CCCB, 2008, p. 180.
- SANSÃO FONTES, Adriana. *Intervenções temporárias, marcas permanentes. Apropriações, arte e festa na cidade contemporânea*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.